

A ignorância e a cobiça como causa da luta entre a humanidade

Forçado a vir a este mundo como todos os mortais, fui criado sob os carinhos e desvelos que todas as mães, dignas desse nome, sabem prodigar aos pequeninos entes, fruto dos seus amores.

Durante o tempo que me embalaram nas doces e suaves carícias, sentia a vida como um misto de ternura e de felicidade, pois o infante de espírito ainda fechado, não podia observar e compreender as dores deste mundo, nem chegavam até mim os gemidos dos sofrimentos que a miséria produz.

Não quis a Natureza que eu me conservasse sempre menino, e fazendo crescer e desenvolver harmonicamente meu corpo e minha inteligência, permitiu que contemplasse a Vida.

E então que vi?

Fome, lágrimas, desespero.

Vi a família humana, socialmente observada, dividida em dois grupos adversos: um, o mais numeroso, aquele que por justas façanhas se esfalfa e nutre a sociedade, arrastava-se anêmico e andrajoso; o outro, pequeno grupo parasitário, vivia regalado, cercado de todas as comodidades e bens-estar.

Vi também lutas horríveis de irmãos contra irmãos, devastarem ciudades, vilas e aldeias; o solo ensopado de sangue e coberto de cadáveres, e sobre um sudário de crimes a humanidade se erguia ante mim, enferma, amotocida e coberta de luto.

Então preguei a mim mesmo:

Será esta obra digna do homem? Deverá chamar-se-lhe o rei da criação?

A esta interrogação, a minha consciência nada respondeu e a dúvida encheu o meu espírito de terror.

Mas depressa comprehendi que todos estes sofrimentos não provinham da Natureza, mãe e amiga, mas sómente do homem que, contrariando-a e desobedecendo-lhe, se deixou viciar por suas vaidades e ambções, astante-se das leis naturais e humanas.

Diz a Igreja que o homem foi criado por um Deus poderoso e misericordioso, à sua imagem e semelhança.

Se tal afirmação não fosse ilusória, se nós, pobres mortais, descendesséssemos dumente de tão grande bondade e poderio, cremos que a humanidade seria extremamente feliz.

Estamos convencidos que esse bondoso pai, antes de lançar seus filhos no globo terrestre, não só lhes teria preparado todos os meios suaves para uma vida risoula e bela, como também lhes devia ter indicado quais os seus direitos e deveres, instruindo-os, para que nunca se afastassem do caminho do bem, da paz e do amor.

Parece-nos que seria assim que o Omnipotente deveria ter procedido, mas admitindo que ele, atarefado como devia estar com a sua obra de construção universal, por esquecimento ou falta de tempo não tivesse ministrado a seus filhos estes salutares conselhos, como dar-lhes na Terra o bem estar a que tinham jus, nada estava perdido, pois que Deus logo que se visse livre da tarefa, compreenderia o erro em que tinha caído, e imediatamente se valeria do seu poder, desse imenso poder que lhe dava a suprema omnisciência e uma vez observando que seus filhos, desregados, estavam sofrendo as amarguras da sua falta, guiá-los-hia pela estrada do bem e da felicidade, levando-os suavemente a amarem-se sempre como bons irmãos, não permitindo que houvesse o ódio ou as más insignificantes círcidas.

Mas, como isto não sucedeu nem poderia verificar-se, hoje, em face do livre exame, está provado a mentira que a Igreja nos inpingiu. Perante ela, da divindade celeste, símbolo da bondade e do amor... nada mais resta que uma mentira para enganar a humanidade, visto que o homem achando-se na terra selvagem, errante, nu e sem abrigo, sem experiência do passado nem conceção do futuro, isolado, girando ao acaso no centro dos bosques, olhou em torno de si e não viu Ente algum descredo do céu, para o conduzir, amparar ou proteger, consoa nos reza a Bíblia com os efeitos do Senhor.

Portanto, senhores da Igreja, quer quem quer quer a vossa criação sincera ou hipócrita e imaginária dum Criador de todas as coisas, essa vossa impostura desmascara a Biologia, a observação de todos os fenômenos naturais e a obra demolidora desse filhos.

O vosso reinado é ainda mantido apenas pelo forte poder da tradição secular e natais.

Homens selvagens dos primitivos tempos, compreendendo pela poderosa necessidade de se defender do meio hostil em que viviam, acossado pelos perigos terríveis de todo o momento, tez forte o seu cérebro, subtil o agudo o seu raciocínio, em compreender e utilizar os recursos que a Natureza lhe oferecia para esse efeito.

Foi só o império dessa urgente necessidade e para conjurar esses perigos que se tundaram as primeiras ligações sociais, os grupos, as tribus.

Foi sem ajuda divina, apenas valendo-se dos seus próprios recursos que o homem começou a desbravar a terra e ensaiar as primeiras culturas, e assim como, de princípio, cobria o corpo com as peles dos animais de que se alimentava, mais tarde ensaiou os primeiros vestimentas de tecido grosseiro para se prevenir contra as intempéries das estações e depois das primeiras habitações lacustres, passou à construção da cabana e ao abrigo mais confortável e seguro.

Despertando pouco a pouco as suas faculdades e corrigindo gradualmente a sua nativa ignorância, foi comando todos os animais que lhe podiam ser úteis, e assim desenvolvendo a cultura da terra, como das indústrias.

Instruído-se pouco a pouco em ciências naturais, aprendeu a distinguir as plantas úteis das nocivas, e a arte de curar suas enfermidades. Até que, com o andamento do estudo, conseguiu medir a extensão dos céus, calcular a massa dos astros e arrebar o relâmpago nas nuvens, amansando a fúria do mar e avassalando todos os elementos.

Com o decorrer do tempo, à medida que o progresso se ia desenvolvendo, o homem reagiu para um passado remoto a lembrança dos perigos da vida selvagem e vagueava em que a Natureza o fez nascer, e encenhou-se o orgulho pela obra da nascente civilização que criava com a sua inteligência e o seu saber, preparou-se para gozar o que julgava o supremo bem na terra.

Mas oh! fatalidade! não contava com a sua insaciável cobiça, com a sua desmedida soberba, com a sua incomensurável vaidade,

de, com o predominio da ferocidade ancestral.

O instinto da rapina que outrora, nas épocas distantes da barbaria, impelia as suas hordas e legiões a submeterem e avassalarem os outros povos para satisfazer os seus apetites anormais, foi o mesmo que com diversas modalidades adequadas à civilização da época e em harmonia com elas o levou a escravizar os seus semelhantes. Não se contentou com a cota parte do bem estar que lhe competia no banquete universal que a Natureza distribuiu a cada um dos seres e quis, em globo, possuir o que competia a todos, impor pela força e pela astúcia como norma da justiça e do direito, fazendo surgir dum enorme charco de sangue, os direitos da propriedade e a opressão coercitiva da autoridade, dividindo as sociedades em ricos e pobres, em governantes e governados, em escravos e senhores. E desse modo estabelecia a desigualdade social, uma das causas originárias do sofrimento da humanidade, de quem nos devemos queixar?

Dum Deus? Não, visto que não nos podemos insurgir contra um ser imaginário, como autor da nossa desgraça, mas apenas contra a ignorância humana que não soube compreender e por isso interpretar as leis universais nesse livro sublime e de tão profundo ensinamento que nos oferece a Natureza ao nosso estudo, na observação dos fenômenos que nos surpreendem os sentidos, na interpretação e assimilação dos seus desígnios; mas apenas contra essa ignorância aliada à cobiça, que leva uma parte da humanidade a utilizar a força da própria Natureza contra os seus semelhantes para se apoderar, em seu exclusivo proveito, dos bens que são pertença de todos, transformando o homem em lobo da humanidade.

A ignorância e a cobiça foram as causas de todos os sofrimentos da vida do homem.

E por isso que eu recordo e rememoro com paixão os meus ditosos tempos de criança, em que vivia feliz e descurado, não podendo observar nem compreender, porque não podiam chegar até ao meu espírito, ainda fechado, os gemidos as dores do espantoso sofrimento humano, o inferno sem lenitivo, fomentado e criado pela estupidez e maléfica humanas.

F. Nunes SCHEIDECKER

Asilo Escola António Feliciano de Castilho

A festa que amanhã se realiza neste estabelecimento de ensino de cegos a que o público de Lisboa vota um tão enternecido afecto, consta de distribuição de prémios aos alunos aprovados em exames, e imposição das insignias de cavaleiro da ordem de Cristo com que foi agraciada a regente do Asilo, D. Maria Adelina Ramos Ribeiro.

A festa que principia às 15 horas é abrangida pela banda do Corpo de Policia.

Notas várias da Lisboa triste

Colhido por uma vagoneta

Na construção da nova linha férrea de S. Tiago a Sines, trabalha um troço de operários entre eles Manuel Pereira, de 21 anos, natural e residente em São Tiago do Cacém, o qual, quando ontém ali procediam ao transporte de um desastre, foi colhido por uma vagoneta, ficando com a perna direita esmagada. Depois de ali terem sido prestados os primeiros socorros, veio para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha o transportou ao Hospital de São José, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião de serviço, dando entrada, depois de devidamente pensado, na Sala de Observações.

Mas, como isto não sucedeu nem poderia verificar-se, hoje, em face do livre exame, está provado a mentira que a Igreja nos inpingiu. Perante ela, da divindade celeste, símbolo da bondade e do amor... nada mais resta que uma mentira para enganar a humanidade, visto que o homem achando-se na terra selvagem, errante, nu e sem abrigo, sem experiência do passado nem conceção do futuro, isolado, girando ao acaso no centro dos bosques, olhou em torno de si e não viu Ente algum descredo do céu, para o conduzir, amparar ou proteger, consoa nos reza a Bíblia com os efeitos do Senhor.

Portanto, senhores da Igreja, quer quem quer quer a vossa criação sincera ou hipócrita e imaginária dum Criador de todas as coisas, essa vossa impostura desmascara a Biologia, a observação de todos os fenômenos naturais e a obra demolidora desse filhos.

O vosso reinado é ainda mantido apenas pelo forte poder da tradição secular e natais.

Homens selvagens dos primitivos tempos, compreendendo pela poderosa necessidade de se defender do meio hostil em que viviam, acossado pelos perigos terríveis de todo o momento, tez forte o seu cérebro, subtil o agudo o seu raciocínio, em compreender e utilizar os recursos que a Natureza lhe oferecia para esse efeito.

Foi só o império dessa urgente necessidade e para conjurar esses perigos que se tundaram as primeiras ligações sociais, os grupos, as tribus.

Foi sem ajuda divina, apenas valendo-se dos seus próprios recursos que o homem começou a desbravar a terra e ensaiar as primeiras culturas, e assim como, de princípio, cobria o corpo com as peles dos animais de que se alimentava, mais tarde ensaiou os primeiros vestimentas de tecido grosseiro para se prevenir contra as intempéries das estações e depois das primeiras habitações lacustres, passou à construção da cabana e ao abrigo mais confortável e seguro.

Despertando pouco a pouco as suas faculdades e corrigindo gradualmente a sua nativa ignorância, foi comando todos os animais que lhe podiam ser úteis, e assim desenvolvendo a cultura da terra, como das indústrias.

Instruído-se pouco a pouco em ciências naturais, aprendeu a distinguir as plantas úteis das nocivas, e a arte de curar suas enfermidades. Até que, com o andamento do estudo, conseguiu medir a extensão dos céus, calcular a massa dos astros e arrebar o relâmpago nas nuvens, amansando a fúria do mar e avassalando todos os elementos.

Com o decorrer do tempo, à medida que o progresso se ia desenvolvendo, o homem reagiu para um passado remoto a lembrança dos perigos da vida selvagem e vagueava em que a Natureza o fez nascer, e encenhou-se o orgulho pela obra da nascente civilização que criava com a sua inteligência e o seu saber, preparou-se para gozar o que julgava o supremo bem na terra.

Mas oh! fatalidade! não contava com a sua insaciável cobiça, com a sua desmedida soberba, com a sua incomensurável vaidade,

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 da tarde—Soirée às 8,45
ULTIMOS ESPECTACULOS DA COMPANHIA DE BAILADOS RUSOS E DIVERTIMENTOS

SASCHA MORGOWA

A mais célebre atracção do mundo

Quadros plásticos—Nu artístico

CONCERTO PELA FOZ MELODY BAND

No ecrã: "Fuga da noiva"—5 partes

Brevemente: PIMI PAMI PUM!

Teatro Apolo
Telef. 3019 N.
Companhia Almeida Cruz

HOJE e todas as noites

2 sessões 2 às 0,30 e 10 1/2 — Hoje

com a esplêndida opereta

MOURARIA

em 5 actos, original de Lino Ferreira, S. Tavares e L. Laufer, musicada pelo maestro Felipe Duarte.

Protagonista:

Adelina Fernandes

PREÇOS POPULARÍSSIMOS

Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fau-teus, 9\$00. Cadeiras, 6\$00. Geral, 2\$00

TEATRO VARIEDADES
TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

O INFERNO

TEATRO NACIONAL
Telefone N. 3049

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

HOJE, às 21 horas

1.ª representação da peça de

RAMADA CURTO

JUSTIÇA...

Nos primaciais papéis:

ALVES DA CUHHA

BERTA BIVAR

ADELINA ABRANCHES

TEATRO AVENIDA
Tel. N. 4386

Hoje, às 21,30 horas

A representação da comédia

alemã

O PÉ DE SALSA

Adaptação dos escritores Bermudas,

Bastos e A. Brun

IMPRENSA

Eco dos Sports.

Eco dos Sports, a magnífica revista impressa pelo moderníssimo processo de heliografia, é, sem dúvida, uma publicação que honra o jornalismo português, não só pelo seu aspecto gráfico mas também pelo cuidado que lhe merecem sempre os grandes acontecimentos desportivos nacionais e estrangeiros.

A quando o Portugal-França, o Eco dos Sports manda um envio especial a Toulouse, assim como deslocou redatores e fotógrafos ao Espanha-Hungria, em Vigo, Portugal-Espanha, em atletismo, etc.

Agora com a realização do XXII match de futebol Pórtico-Lisboa, o Eco dos Sports enviou ao Pórtico redatores e fotógrafos e fez maravilhas de reportagem gráfica. O número que sai amanhã é, portanto, um número sensacional.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Cap-Polônio», são hoje expedidas malas postais para as Palmas, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo da Caixa Geral a última tiragem da correspondência às 9 horas, e pelo paquete «Niassa», para a Madeira, África Oriental, e por via Funchal para a África Oriental. Da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência ordinária faz-se às 12 horas e do Cais da Fundição recebeem-se correspondências às 15,45, mediante o pagamento de sôbre-taxa de 20 centavos por objecto.

Por via Espanha e Gibraltar também se guem malas do Correio para a Ilha de Tenerife, efectuando-se a última tiragem às 17,40.

SOCIEDADES DE RECREIO

MARCO POSTAL

Aguas Belas — Jose dos Santos. — Recebemos vale de 6\$00, que julgamos ser para a assinatura do Suplemento de António dos Santos, que ficou pago até 31 de Dezembro, p. p.

Caldas de Aregos — Jacinto Pereira. — Recebemos 28\$50. Pagou a assinatura de 1 de Novembro, p. n., a 31 do corrente. Será satisfeita o seu desejo em fins de Abril, p. f.

Odeceixe — A. Rodrigues Nobre. — Recebemos carta e 7\$50 da assinatura de João Pacheco Pereira, que ficou pago até 7 de Fevereiro, p. f. Vamos responder a assunto de que na carta trata.

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid cheque	3\$15	
Paris, cinque	578	
Stiica, * ..	3\$78,5	
Bruxelas cheque	2\$71	
New-York, *	19\$58	
Amsterdão *	7\$84	
Itália, cheque ...	3\$6	
Brasil, *	2\$30	
Praga, *	5\$8,5	
Suécia, cheque	5\$24	
Austria, cheque	2\$77	
Erlim, *	4\$66	

TEATROS

Nacional. — A's 21 — Justica...
Trindade. — A's 21, 15. — La Garonne.
São Luís. — A's 21. — Rome galante.
Gimnasio. — A's 21, 30. — O caso do dia.
Politeama. — A's 21. — Gatusos.
Avenida. — A's 21, 30. — O Pé de salsa.
Apollo. — A's 20, 30 e 22, 30. — A Mouraria.
Eden. — A's 20, 45 e 22, 45. — Cabaz de Manganos.
Variedades. — A's 20, 30 e 22, 30. — O Inferno.
Maria Vitória. — 20, 30 e 22, 30. — Sempre fixe.
Coliseu. — A's 21. — Companhia de circo.
Salão Foz. — A's 15 e 20, 30. — Variedades.
Joaquim de Almeida — A's 20, 30. — Animatógrafo.

CINEMAS

Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olympia. — «Matinées» e «soirées». — Salão Central. — Praça dos Restauradores. — Chiado Terrasse. — Rua Antônio Maria Cardoso. — Cinema Condes. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden-Cinema. — Rua do Alvito (Alcântara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Afambras. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. — (Mouraria). — Cine-Esperança.

A BATALHA

O CARACTER DO SINDICALISMO

Recapitulando e refutando

Continuemos a dissecar o escrito para descobrir o mal contido.

Diz-se nas alíneas d) e e):

«Que unidade é síntoma de franqueza, e que união é de fôrça».

A contestação que fiz das alíneas anteriores dispensava a destas últimas; porém como o meu opositor toma os dois termos com significado diverso, é baseado no seu próprio critério que eu desejo contestá-lo.

De contrário dizia que estou deturpando!

Ela parte do princípio de que havendo sindicatos de várias tendências não é possível a unidade mas sim a união, que se efetuaria quando os organismos estivessem de acordo sobre determinado objecto, sendo por consequência, como já se disse, uma ligação passageira e estabelecida liberrimamente. Nestas condições a unidade torna-se factível entre organismos de carácter idêntico, perfeitamente afim, ao passo que a união pode estabelecer-se entre elementos heterogêneos que não permitem a unidade.

Porquanto ele disse que havendo sindicatos de tendência socialista, comunista, reformista, etc., como era possível a unidade?

Deste modo, sendo a unidade a ligação de elementos homogêneos, de funções harmonicamente combinadas, convergente permanentemente a um fim único e, a união, a aliança de elementos de caracteres diferentes, divergentes, atinentes afins múltiplos, torna-se aquela, incontestavelmente, síntese de coesão, de estabilidade, qualidade do que é duradouro, do que é menos dissoluvel, portanto mais forte. Pelo contrário a última é significado de instabilidade, de desagregação e por isso mais fraca.

O carácter da primeira é convergente o da segunda divergente.

Logo devemos adoptar a primeira que significa que os nossos esforços devem ser aprovados, reunidos e coordenados, para o mesmo fim e não a segunda que corresponde a um movimento dispersivo, desordenado e portanto inútil.

A alínea e) já se respondeu. Mas como agora o meu crítico em vez de dizer que o sindicalismo é por *contextura libertário* como faz nos primeiros artigos, diz apenas que é por *essência*, o que é muito diverso e prova que já retirou a primitiva afirmação, não querendo ter a franqueza e a lealdade de dar o braço a torcer, eu dou também a volta e vou ao seu encontro.

O camarada com quem nessa polémica me acho identificado já demonstrou com toda a clareza e segurança que libertário não era a mesma coisa que anarquista a pensar de teimar em empregar os dois termos com o mesmo sentido.

Ponto isto, aceito que o sindicalismo seja por essência libertário visto que o espírito que anima os trabalhadores a lutarem contra a exploração e opressão burguesa é no fundo uma aspiração de liberdade, com qualquer aspecto que se manifeste e por tanto um sentimento libertário.

Mas sendo libertário não é, neste caso, anarquista porque este não implica a aceitação da sua própria doutrina. Libertário é todo o indivíduo que aspire ou trabalha pela liberdade, em qualquer campo que se encontre, o que não sucede com anarquista que trabalha pela liberdade só faz integrado nos métodos de luta estabelecidos pelos princípios do anarquismo.

O libertário pode ser o tal *inconsciente* a que o crítico se refere e o anarquista não, porque é mais doutrinário, é mais dogmático.

Quanto à alínea f) já noutro artigo demonstrei que é errada a assertão mantida, visto que não é o anarquismo que determina o sindicalismo revolucionário mas o sindicalismo pela tal maneira de *agir* que conduz ao anarquismo.

Assim, como está posto na referida alínea, é o sindicalismo que precede o acto anarquista e não é este aquele.

Conforme à alínea g) já disse que me julgava impedido de discutir esse ponto porque sendo A Batalha órgão da C. G. T. que é aderente à A. I. T. não devia expor suas colunas matéria que parecesse ser de combate àquele internacional, que, de resto, tomada à letra como *Associação Internacional dos Trabalhadores* não poderia ser combatida se fosse na verdade Associação de trabalhadores, mas não é, visto que, consoante reza a crônica, à minha oposição, é Associação Internacional de organizações parciais de trabalhadores anarquistas, em virtude de reunir, como se diz, as raias organizações sindicalistas revolucionárias que são anarquistas. A este respeito o internacional fez, de fato, proximamente pela boca do insuspeito e consagrado Erírico Malatesta.

Ora se eu tenho o cuidado de não trazer para este jornal questões que o seu caráter não admite, entendo que o meu antagonista deve fazer outro tanto limitando-se, como eu, a fazer uma exposição descritiva e não apologética para que se não julguem que a alguém de nós foi encorajado *sermão*.

Além de que é das mais elementares normas da correcção, como muito bem disse o camarada que imediatamente me antecedeu nesta série de artigos, não combater as opiniões de indivíduos, de grupos ou partidos que estão impedidos de se defendem (não se trata de mim positivamente mas dos que se prosternam ante o sarcófago de Lenin e dos empatas da F. S. I.) O escrupuloso respeito que devemos ter pelo ideal libertário manda assim quando o queremos por acima de tudo.

Fazemos agora, antes de fechar, umas considerações de ordem geral.

Entre o anarquismo e o sindicalismo há uma profunda uma incomparável diferença.

O anarquismo é uma filosofia e uma doutrina de carácter essencialmente altruista e individualista. Embora o conceito económico e comunista que Kropotkin lhe imprimiu, que modela as bases morais da sociedade livre na solidariedade, no apoio mútuo, ela não deixa de ter um cunho e uma finalidade individualistas porque considera o indivíduo livre, autónomo, no agrupamento federalista.

Abstraido inteiramente o princípio da autoridade todo o indivíduo deve ter uma rigorosíssima e indefectível noção da responsabilidade do Dever, da Justiça, do Direito, de modo a cortar, ele próprio, a sua liberdade no ponto precisamente onde a liberdade de outro tem começo.

Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais ao Proletariado de Todo o País

Este Comité, no cumprimento da sua missão, mais uma vez se vos dirige, apelando para o vosso sentimento de solidariedade, a fim de que no próximo sábado, não esqueçais a situação dos presos, que jazem nas prisões e de suas famílias que sofrem horríveis privações, não possuindo pão para os seus filhos.

No momento em que receberdes o vosso reduzido salário, lembrai-vos que existem companheiros vosso que, impossibilitados de auferirem, embora que diminuto, um salário para alimentar os seus, sofrem as torturas do cárcere.

A sua prisão não pode nem deve ser pelos trabalhadores esquecida, porque ela foi originada pelo ódio da burguesia e do Estado, contra aqueles que com dignidade defendem um pouco mais de bem estar para si e para os seus camaradas.

A situação que eles hoje atravessam, todo o trabalhador está sujeito a atravessar, logo que se não deixe explorar.

Espera portanto, este Comité, que todos os trabalhadores contribuam na medida do possível para os presos, tirando quetes nos locais de trabalho e enviando-as ao Comité.

Operário! Cumpre o teu dever de Solidariedade para com os presos!

Lembrai-vos da miséria em que vivem os filhos dos mesmos!

A opressão do capitalismo deve-se responder com a nossa Solidariedade moral e material.

Assim o espera

O Comité Pró-Presos Sociais.

Ora isto implica uma tão requintada perfecção moral e uma tão perfeita consciência do valor da individualidade, como força criadora e impulsora do progresso social, que de modo nenhum se compadece com as tares e com o atavismo da maior parte da nossa actual humanidade, vincadas pela superstição da Igreja, pela opressão do Estado e pela fome.

Ninguém pode pretender que tais elementos, quais todos enfermos, dando mesmo desconto à quantidade atendendo à qualidade e, precisamente por isso, estejam aptos a materializar a explendorosa ideia do futuro.

E digo precisamente pelo facto de se estender à qualidade, porque sende a sociedade anárquica baseada no livre entendimento forçoso é que todos, ou a grande maioria, saibam interpretar de *moto próprio* o sagrado respeito da liberdade.

Esta concepção que será sempre, no estado do presente, dum minoria não lhe permite aceitar a igualdade, porque sende a sociedade anárquica baseada no egoísmo, no interesse, primeiro do sindicato, depois do sindicato e mais tarde, quando este se apercebe que a ação corporativa não basta, que põe em evidência o conhecimento da solidariedade desenvolvida e fortalecido cada vez mais; pelo que tem uma origem absolutamente oposta ao anarquismo. Embora a elle possa conduzir visto que realiza o tão necessário estado de transição.

Logo o anarquismo é um movimento altruista, uma filosofia ética, um objectivo uma finalidade.

O sindicalismo é, pelo contrário, uma acção que tem a sua causa inicial no egoísmo, no interesse, primeiro do sindicato, depois do sindicato e mais tarde, quando este se apercebe que a ação corporativa não basta, que põe em evidência o conhecimento da solidariedade desenvolvida e fortalecido cada vez mais; pelo que tem uma origem absolutamente oposta ao anarquismo. Embora a elle possa conduzir visto que realiza o tão necessário estado de transição.

Era assim que eu desejava que esta polémica se fizesse, mas com mais brilho e mais saber do que eu, tratando-se das relações do anarquismo com o sindicalismo, e não pretendendo vazar os dois no mesmo molde, de que adultera o primeiro e atrafoga o segundo.

Gonçalves VIDAL

Luta de classes

A situação dos mineiros de Aljustrel

ALJUSTREL, 13. — Há quatro meses que os mineiros estão reclamando aumento de salário, visto não ganham para o seu alimento e o de suas famílias. E após tão longo tempo, a resposta foram ameaças de despedimento. Assim, atormentando, pretem os donos das minas coagir os mesmos decididos a submeterem-se.

A classe dos mineiros atravessa um período de grande miséria. A empresa resolveu tornar-se generosa, distribuindo, no princípio do ano, uma «gratificação» que foi de 35 a 45 escudos por 5 e 6 dias de trabalho.

Os mineiros queixam-se com revolta da situação em que permanecem. Depois daquela gratificação, que muitos não obtiveram para desconto do que «deveriam», nunca mais lhes foi abonado um centavo. Imagine-se como poderão sustentar cinco e seis filhos.

A direcção das minas não presta atenção às reclamações dos trabalhadores, a pesar do custo da vida se ter elevado a mais de 50 por cento. O regime de empregadas continua vigorando, causando muitos prejuízos aos operários.

As instantes reclamações, durante quatro meses, apenas conseguiram que meia dezena de operários tivessem um aumento de 3 por cento. Tanto estudo, para quê? Em 1925, quando o custo da vida diminuiu 8 por cento, não foi preciso estudar para uma baixa de 10 por cento nos salários. — E.

Sindicato dos Manufactores de Calçado em defesa da tabela de preço da mão de obra

Os industriais de sapataria preparam-se há muito tempo para abolir a tabela de preços da mão de obra defendida pelo Sindicato dos Manipuladores de Calçado de Lisboa. Nenhuma oportunidade se apresentou melhor do que esta em que a crise obriga a rationarizar o pouco trabalho existente.

Se as sociedades não avançam mais é porque os operários não têm consciência da sua força.—HERTZEN



Vida Sindical

Comunicações

Sindicato da Construção Civil. — **Conselho Técnico.** — Na reunião efectuada em 12 p. m., foi aprovado o relatório moral e financeiro da gerência do ano findo, e resolvido que a nova comissão administrativa tome posse no dia 19.

Entre as várias resoluções que foram tomadas a propósito de diversos assuntos, merece especial atenção, isto para conhecimento de todo o operariado componente da indústria, que o dinheiro da casa dos trabalhadores, que até a data tem estado entregue a este organismo, fôsso depositado num estabelecimento que ofereça garantias.

A importância a depositar será acrescida com o juro de 10 %, referente aos dois últimos anos de gerência da comissão administrativa do Conselho Técnico, que depôs o mandato.

Fragatéis do Porto de Lisboa. — Reúnem em assembleia geral, para eleição dos corpos gerentes para o ano que deu o seguinte resultado:

Directo. — Presidente, Manuel Pereira Ramalho; Secretários, José Maria de Oliveira Possante e José Maria da Assunção; tesoureiro, Manuel Gomes Rico; vogal, João Pedro Gonçalves.

Conselho Fiscal. — Presidente, José Mota Júnior; secretários, Silvério Rodrigues de Abreu e Manuel Maria de Pinho Costa. Assembleia Geral. — Secretários, Manuel Pereira de Sousa e Francisco de Oliveira Pinto.

Impressores tipográficos — Em reunião de direcção foi resolvido manter o mais estreito entendimento com as classes que manufacturam ou vivem dos jornais e actuar junto das mesmas, para que dispensem a mais completa solidariedade moral e material a qualquer movimento que venha a ser pôsto em prática.

Associação de Classe das Parteiras. — Reuniu-se ontem, sob a presidência da sr. D. Conceição Arcizel, secretariada pelas sr. D. Desidira Gonçalves e Adeline Figueira, a assembleia geral, sendo lido o alvará e os estatutos de aprovação da Associação, falando várias sociedades sobre o exercício ilegal da profissão, regulamentação do exercício, organização de várias conferências, e procedendo-se à eleição dos corpos gerentes que deu o seguinte resultado:

Assembleia geral: Presidente, Maria da Conceição Arcizel; 1.ª secretária, Josefina Marques; 2.ª secretária, Alice Augusta da Silva; suplentes, Nazaré de Matos Dias e Laura Branco de São Chaves. Directo: presidente, Adelicia Maria Gonçalves Figueira; secretária, Benigna Rita Pereira Bento; tesoureiro, Declínia Maria Gonçalves; vogais, Belmira Neves Moreira, Olória Luisa Teixeira, Herénia da Silva Chaves e Júlia Lourenço Costa. Suplentes, Palmira Teixeira Machado e Maria da Conceição Lagos. Comissão de Instalação e Propaganda: Adelicia Maria Gonçalves Figueira, Palmira Teixeira Machado e Maria Conrado Vieira Veloso Lima. Suplentes: Maria da Piedade Pereira e Maria Emilia R. Amaral Guimaraes.

Convocações

REÚNEM HOJE:

Sindicato Único dos Fogeiros de Mar e Terra — Pelas 19 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos: Leitura da acta transacta e continuação dos trabalhos sobre o caso do ex-tesoureiro.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação ferroviária. — Réunie-se na próxima segunda feira, pelas 18,30 horas a comissão executiva deste organismo, para tratar assuntos importantes.

Sindicatos da província

C. Civil de Linda-a-Pastora e Arredores — Reuniu em assembleia geral na passada terça feira, para a eleição dos corpos gerentes, que ficaram constituídos da seguinte forma:

Directo: presidente, Francisco José Simões; tesoureiro, António Trindade Júnior; secretários, Joaquim Duarte e Júlio José Simões; vogais, António Telha e José David. Assembleia geral: secretário, Joaquim Martins e João Amadeu. Conselho fiscal: presidente, José Cardoso Azevedo; secretários, Silvério dos Santos e Vitorino Assis Chalocia, relator. Delegado directo à Federação, Manuel Gonçalves.

Após vários sindicados se pronunciaram sobre a falta de pagamento de quotas da parte de vários sócios, é aprovada a seguinte proposta: «Proponho que os sócios em atraso de mais de 12 quotas sejam considerados readmitidos, inscrevendo-se com novo número e paguem 12 quotas das atrasadas, em conformidade com a letra dos estatutos.»

Também foi aprovado o seguinte aditamento à proposta: «e que a nova direcção comunique aos sócios nas condições referidas, as resoluções desta assembleia.»

Federação Nacional da Construção Civil — Secção de propaganda no Norte. — Reuniu no dia 11 do corrente este organismo com a presença de todos os seus membros, e depois de dar o devido despacho a vários expedientes, aprovou um extenso relatório dos delegados que em Novembro passado fizeram ao Minho, em cujo documento expunham claramente o que se passou durante a missão que lhes foi confiada.

O delegado que foi a Paredes fazia relatório da sua missão, terminando por comunicar que na próxima reunião apresentará o seu relatório escrito.

A fim de se conciliar o relatório social e financeiro foi resolvido diligenciar readquirir alguns documentos extraviados quando do encerramento, pela autoridade, da sede do Sindicato e consequentemente deste organismo, para depois de conseguido o seu documento o entregar à Federação.

Por último foi resolvido officiar ao Sindicato de Viana, para saber se já se juntou as relações com os organismos centrais e para que sejam feitas as necessárias diligências.

Secção telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

N. J. S. Graciosa do Divor. — Enviamos expediente para a Associação Rural.

Porto. — Enviam credencial.

Evora. — Recebemos vale de correio. Informem sobre a que se destina.